



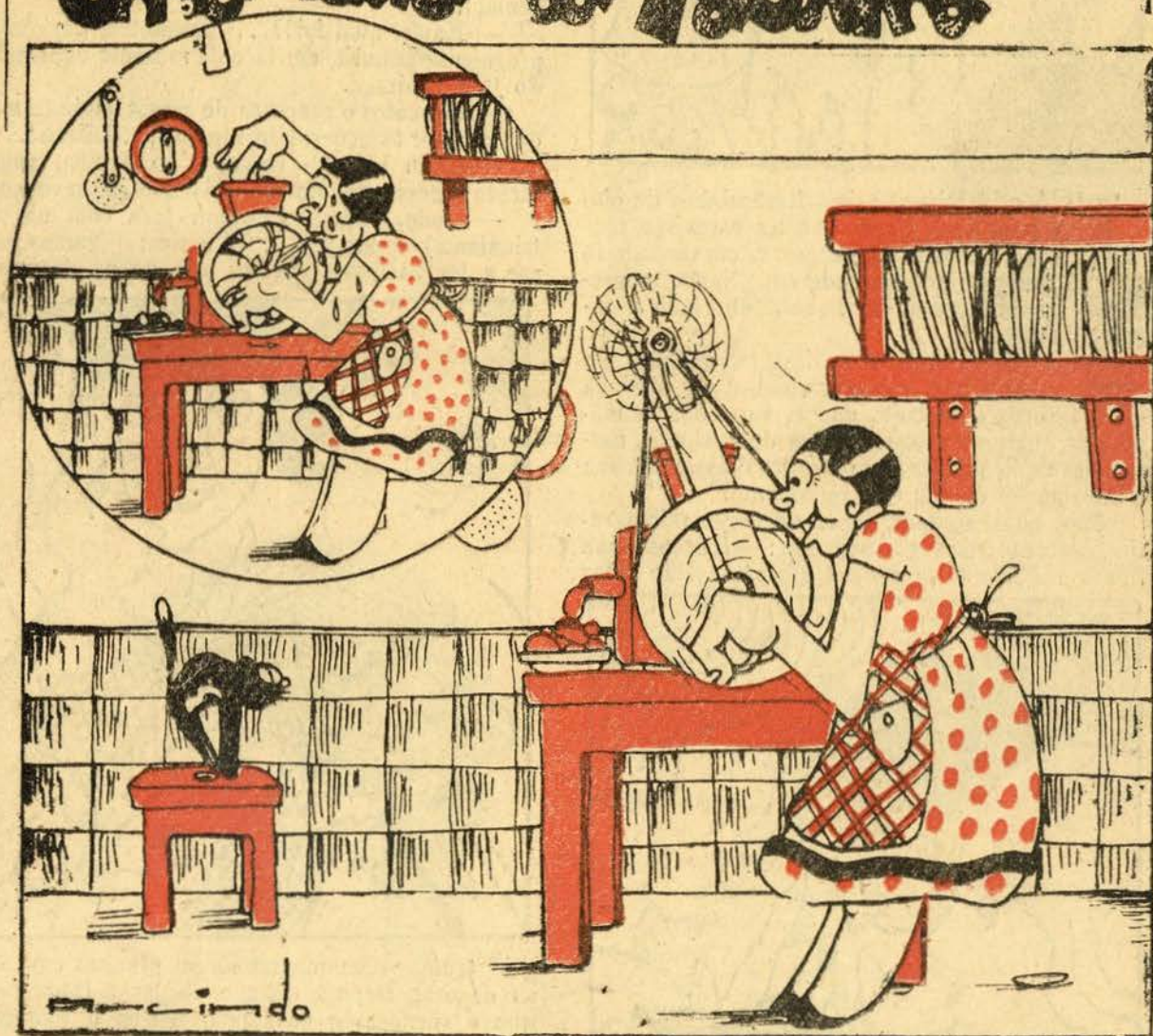
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

Uma ideia da Florinda



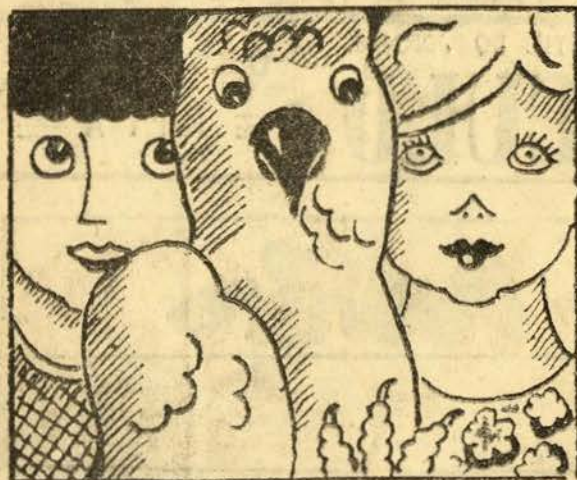
— «Ai que maçada; tenho inda
que esmagar tanta batata;
— (diz a criada Florinda)—
êste trabalho não finda
e o calor é que me mata!

Que me vale é ter juízo:
com a hélice do avião,
do meu pequeno patrão,
eu facilmente improviso
ventoinha de sensação!»

LIÇÃO DE PAPAGAIO

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

DESENHOS de A. CASTANÉ



JUCA e Bitinha são dois irmãozinhos de oito e nove anos. Espertos e travessos são, contudo, bastante mandriões. E' um verdadeiro castigo para aprenderem. Nunca conseguem decorar as lições, sobretudo a taboada.

Dona Ana, a professora, senhora de meia idade, que, por sinal, é um nadinha surda e bastante míope, vai todas as manhãs de quartas e sábados, a casa de seus pais, passar-lhes as lições para os restantes dias da semana e informar-se do seu aproveitamento.

Mas, quasi sempre, depois de muito ralhar, retira, desconsolada e resmungando: — «Ralaços duma figa! . . . Ah, se fôsem meus filhos! . . . Não se faz



nada deles! O que os perde é o mimo! Hão-de ir longe, não-de ir longe! . . .

Em seu poleiro, o papagaio da casa, à janela da salinha de estudo, já sabia, de cór, a lenga-lenga, e repetia também: — «Hão-de ir longe, não-de ir longe! . . .»

Certa quinta-feira, no dia seguinte ao da estada de Dona Ana em casa deles, à hora habitual do estudo, Juquinha bateu na testa com dois deditos, e, radiante, exclamou para a irmã: — «Bitinha, Bitinha, tive uma idéa esplêndida, uma idéa genial! . . .»

— «Então, qual foi!? . . .» perguntou, curiosa, a preguiçosa Bitinha, em face da radiante expressão do Juca madraço.

— «Descobri o processo de nunca mais termos que decorar as lições. Hip, hip, hip . . . hurrah! . . .»

— «Pode lá ser!» voltou a irmãzinha, vagamente esperançada em tão útil e cômoda invenção.

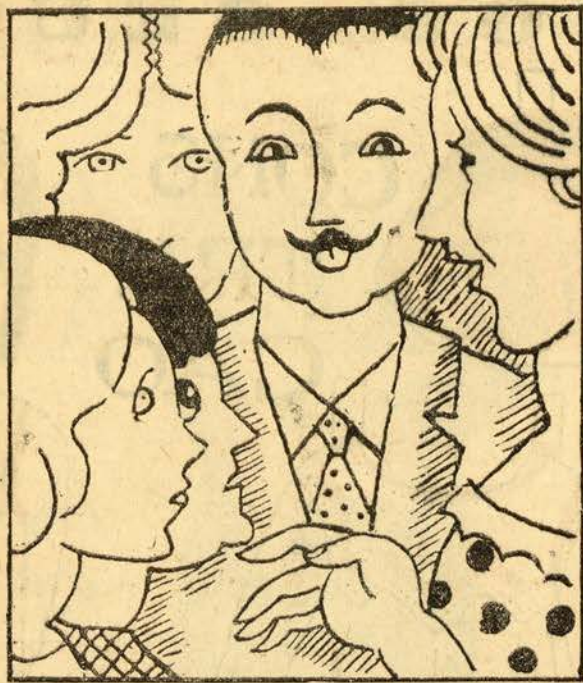
— «Pode, pode; — (afirmou Juca com um ar triunfante) — vais ver . . . E' assim: — Vamos passar a ler as lições em voz alta, ao pé do papa-



gaio, tantas vezes quantas forem precisas para ele as decorar. Depois, quando chegar a Dona Ana, que é «pistoga» e ouve mal, põe-se o papagaio atrás de nós e quem responde é ele».

— «Bravo, bravo! Magnífica idéa! Vamos já começar pela taboada . . .» E puzeram-se a ler para o papagaio:

— «Três e três, seis. Três e três, seis . . .» E tantas vezes disseram que, finalmente, o papagaio disse também seis!



parede do fundo e por detrás das cadeiras onde costumavam sentar-se os dois discípulos madraços de D. Ana.

Principiada a lição, a mestra, de duro ouvido e fraca vista, começou o habitual interrogatório:

— «Vamos à taboada: — Três e três?»

— «Seis» respondeu, logo, o papagaio.

— «Muito bem, muito bem. É seis e seis?...»

— «Doze», Tornou, imediatamente, o loiro.

— «Muito bem. Mas que voz com que os meninos estão hoje!» exclamou Dona Ana, sem, todavia desconfiar da «marosca».

— «E' que nos constipámos...» (reitorquiou, prontamente, o Juca, com o ar mais gaiato d'este mundo.

— «Ora bem — (continuou Dona Ana) — e doze e doze?».

— «Vinte e quatro;» tornou o papagaio.

Passaram, depois, à corografia. Devidamente instruído, o papagaio respondia, por eles, sempre bem. A' despedida D. Ana, elogiando muito os travessos discípulos, declarou-lhes que já estavam



aptos para exame e que havia de aconselhar os papás a dar-lhes um bom prémio a cada um. Mal acabou de pronunciar tais palavras, do seu poleiro, o papagaio bradou:

— «Hão-de ir longe, não-de ir longe!...»

Um mês depois,* Juca e Bitá, acompanhados por D. Ana, foram fazer exame. Quizeram levar consigo o papagaio mas os papás opuzeram-se e o resultado foi trazerem, à volta, em vez do «loiro» duas grandes «raposas».

Ao chegarem a casa, envergonhados pelas re-provações, as primeiras palavras que ouviram foram as do papagaio que, do alto do seu poleiro, se não cançava de repetir:

— «Hão-de ir longe, não-de ir longe!...»

— «Seis e seis, doze». E já o papagaio repetia: «doze».

— «Doze e doze, vinte e quatro».

— «Vinte e quatro;» respondia, por fim, maquinalmente, o bicho.

Juca e Bitá batiam as palmas de contentes. O pior é que o bicho, de quando em quando, interrompia a taboada para dizer, também, maquinalmente: — «Hão-de ir longe, não-de ir longe...»

A' chegada de Dona Ana, no sádao seguinte, tudo estava a postos. O poleiro do papagaio já mudara de sítio, agora colocado mais abaixo, na



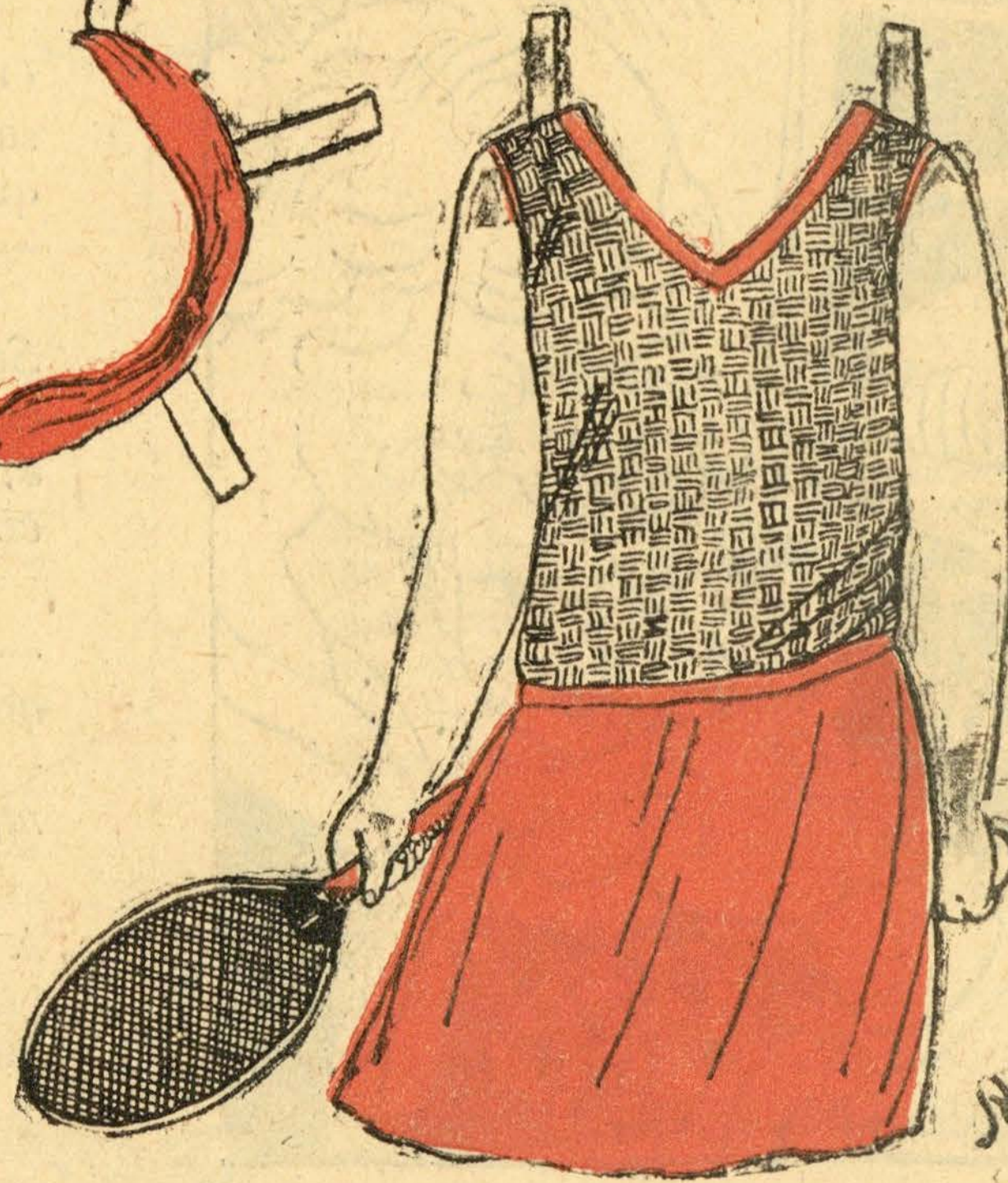
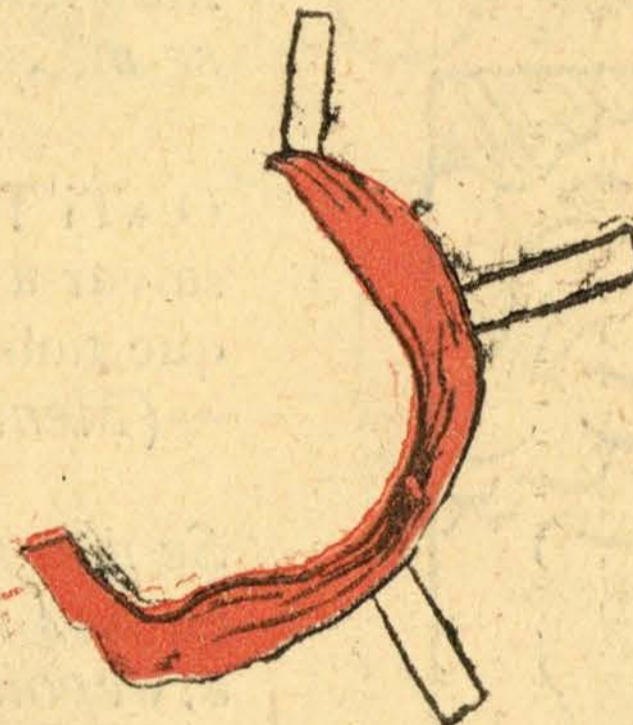
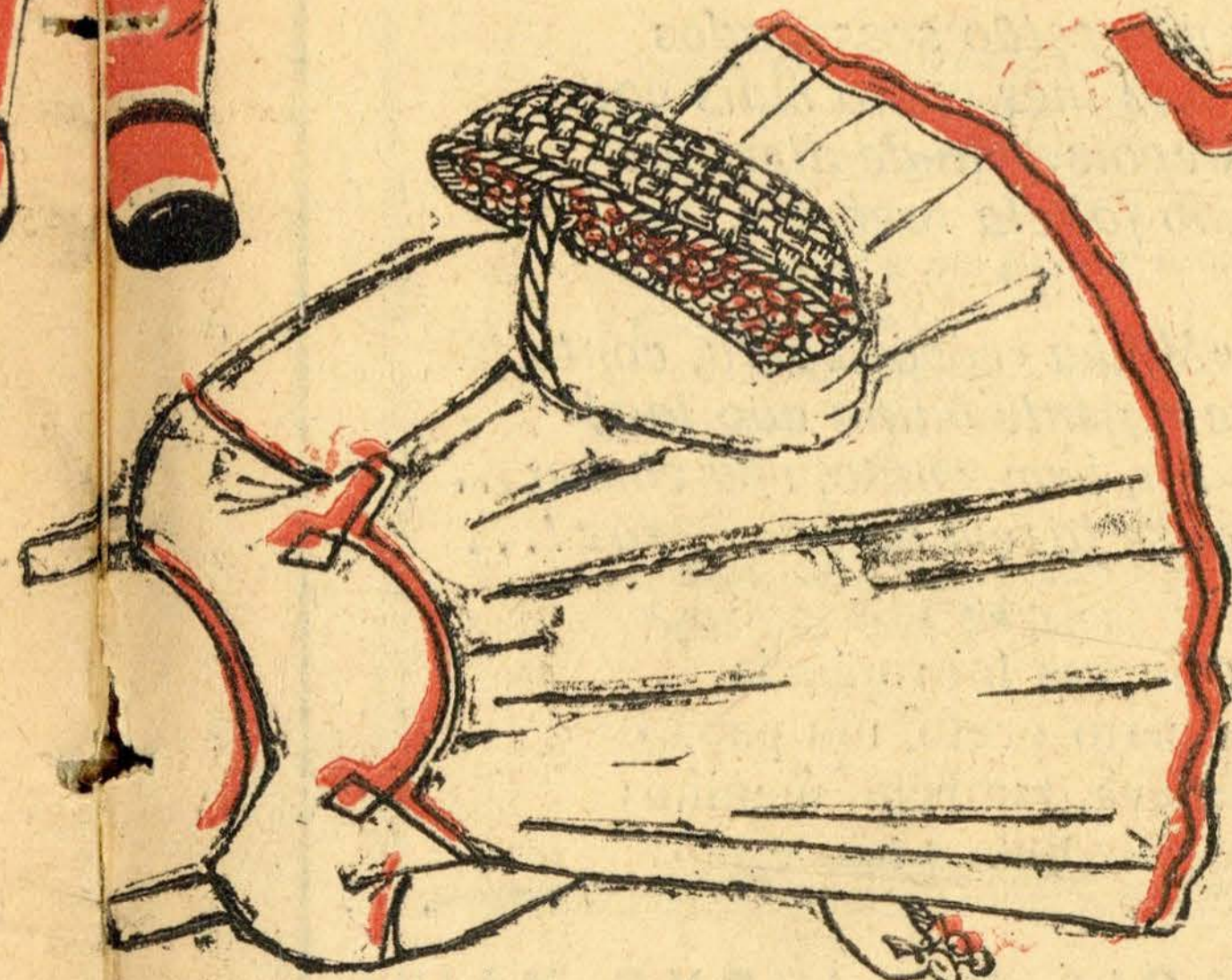
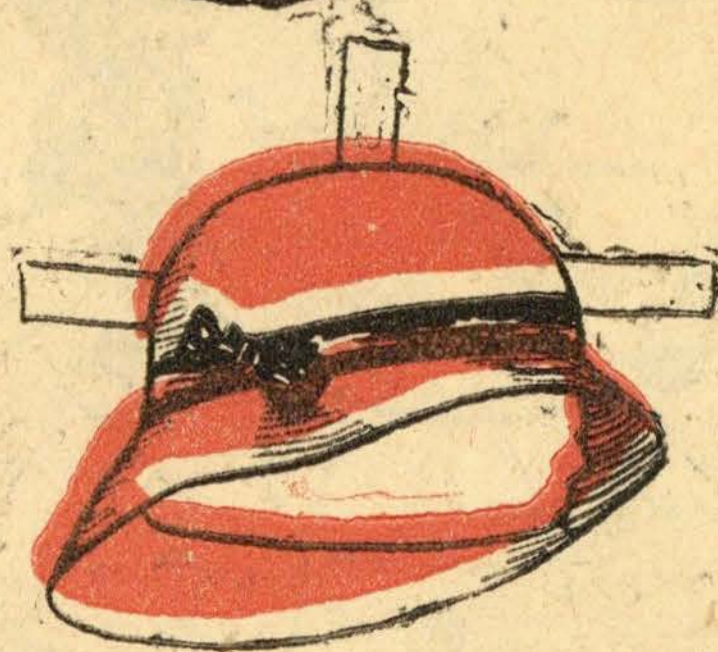
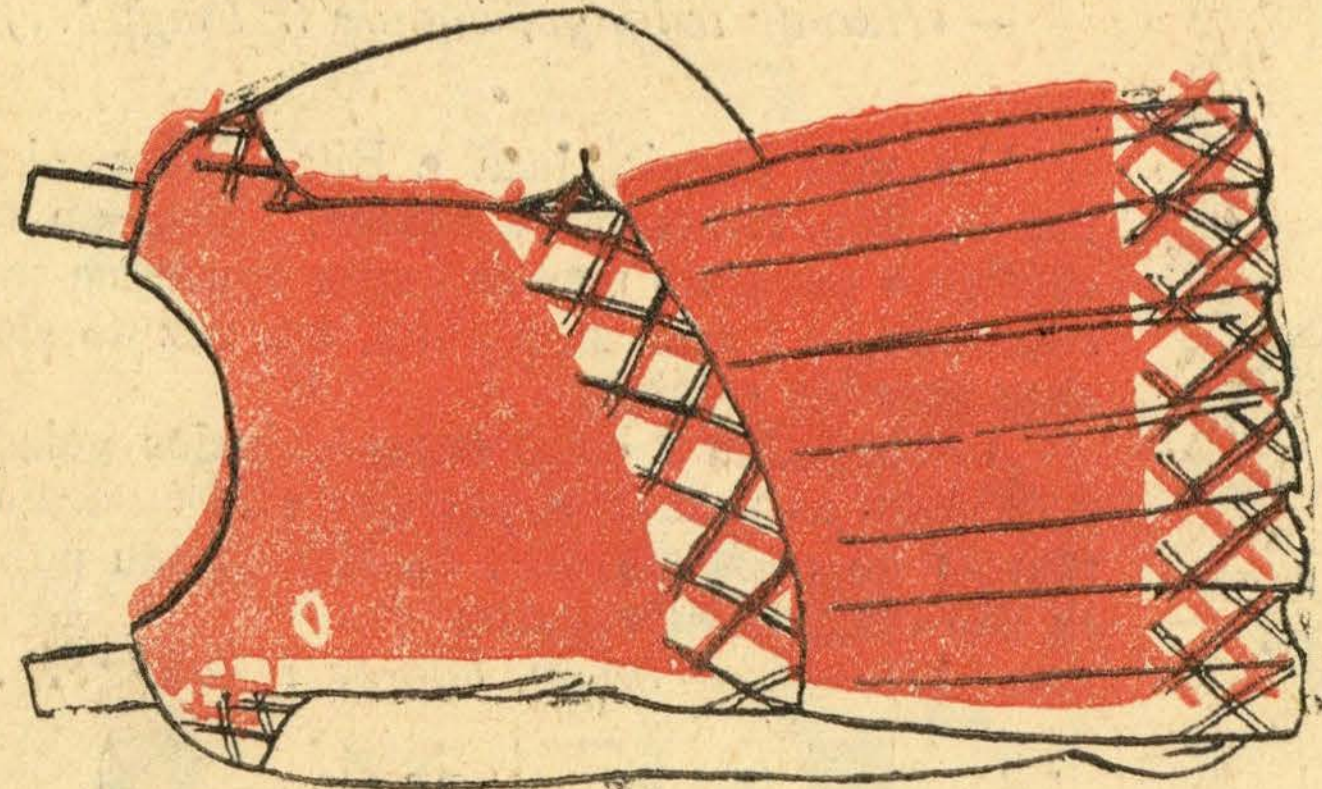
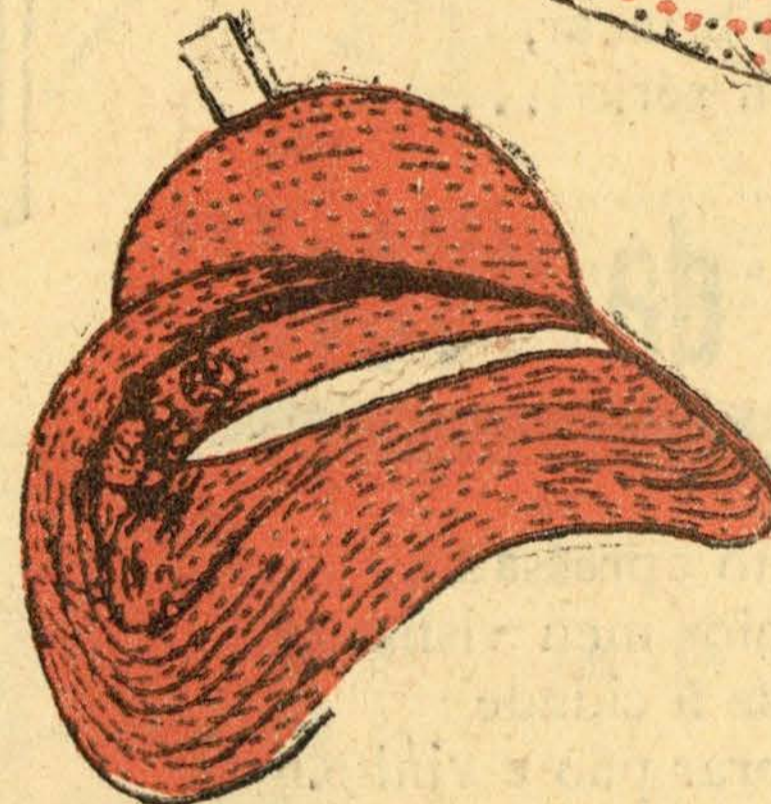
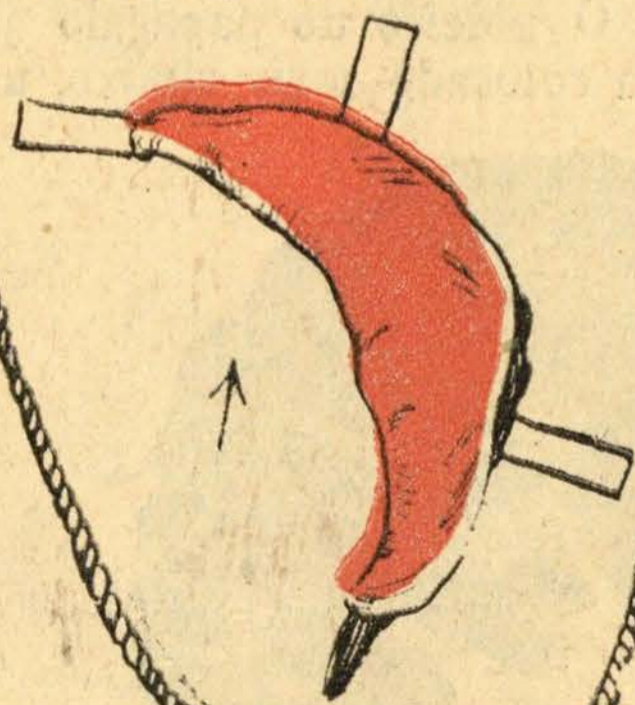
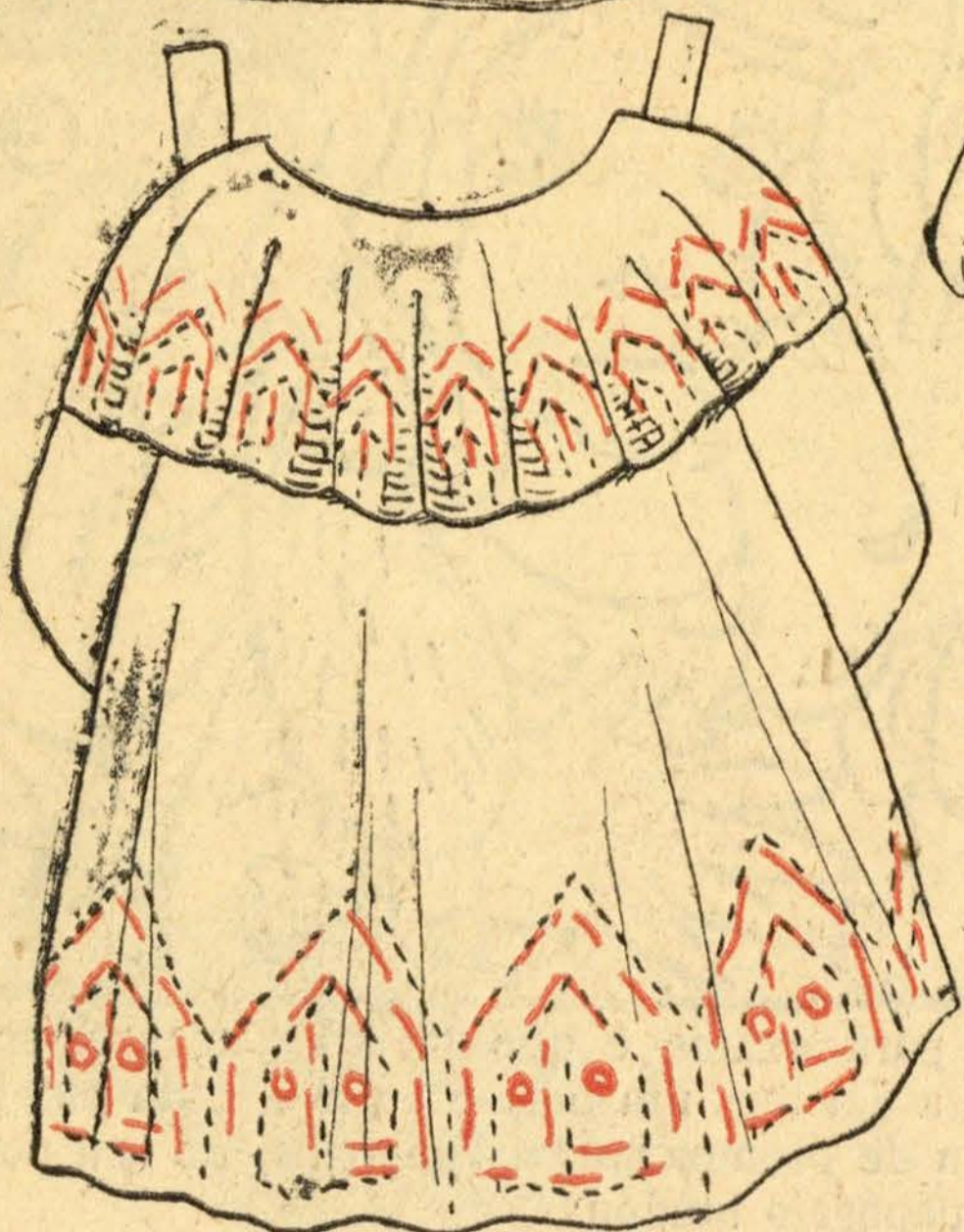
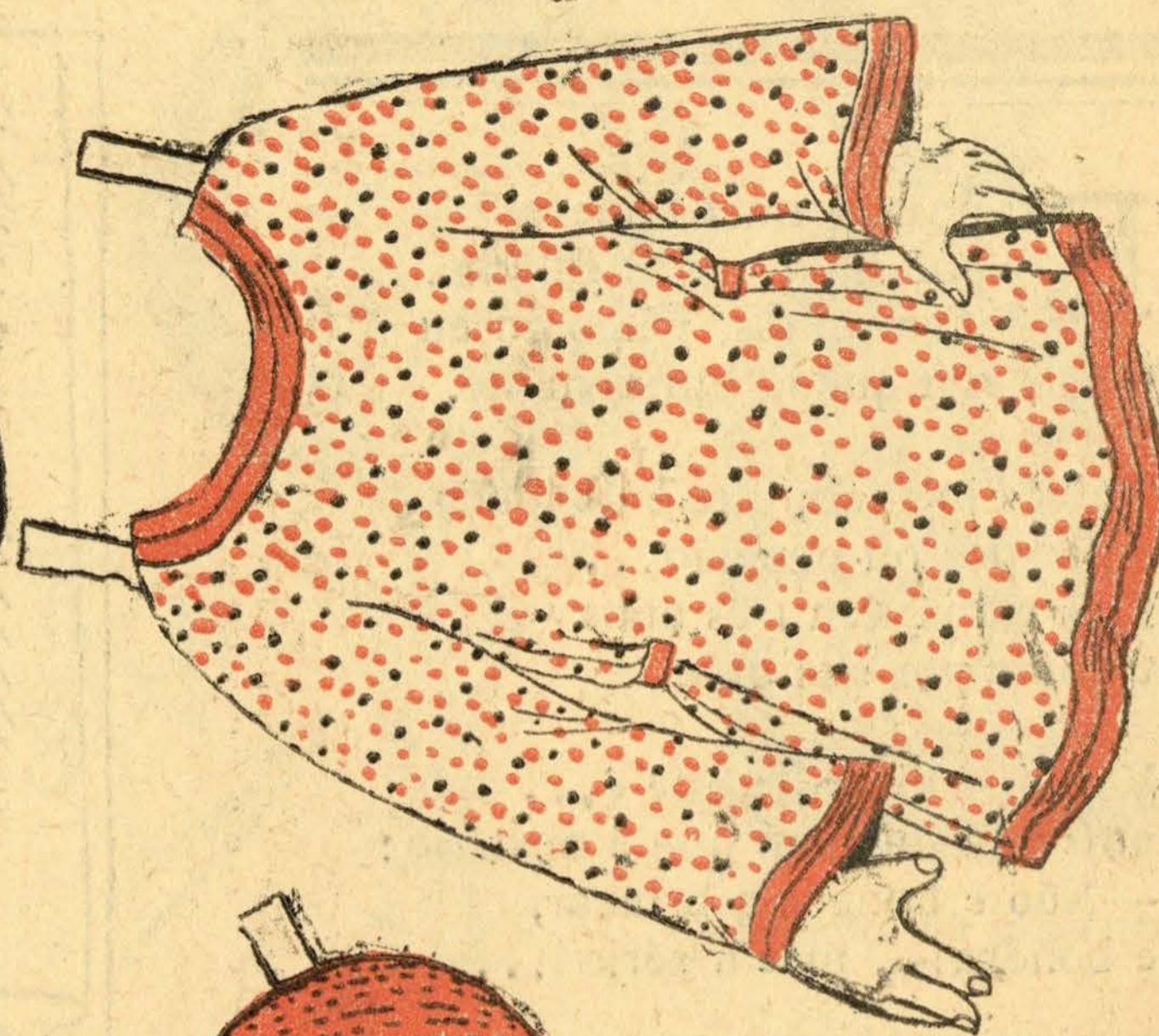
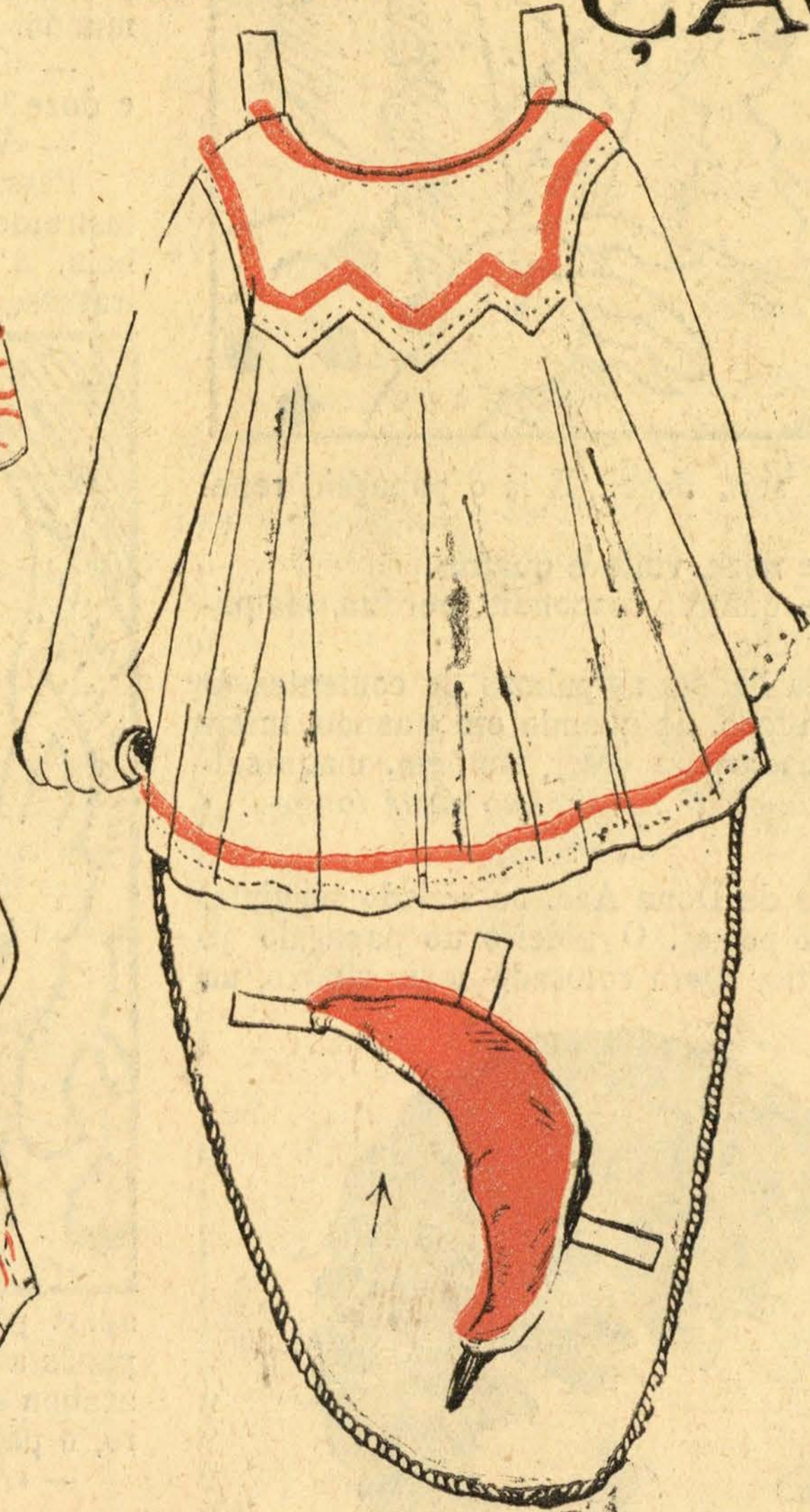
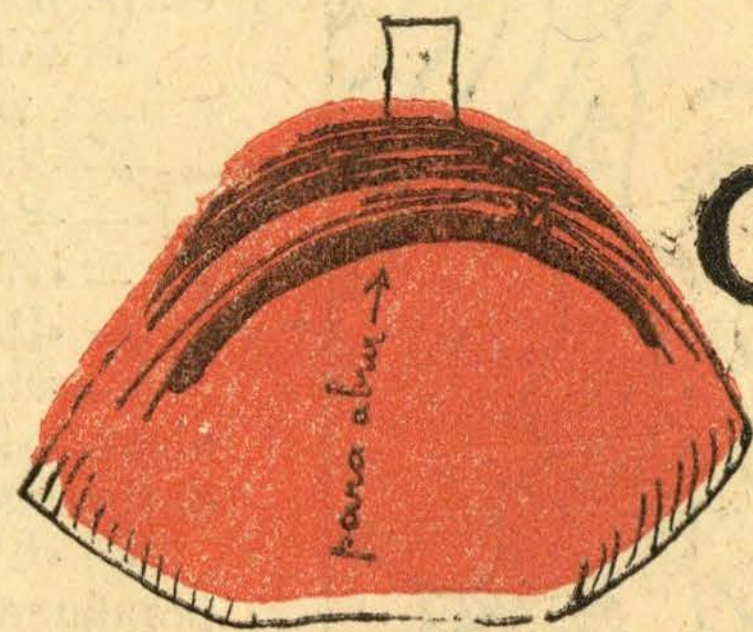
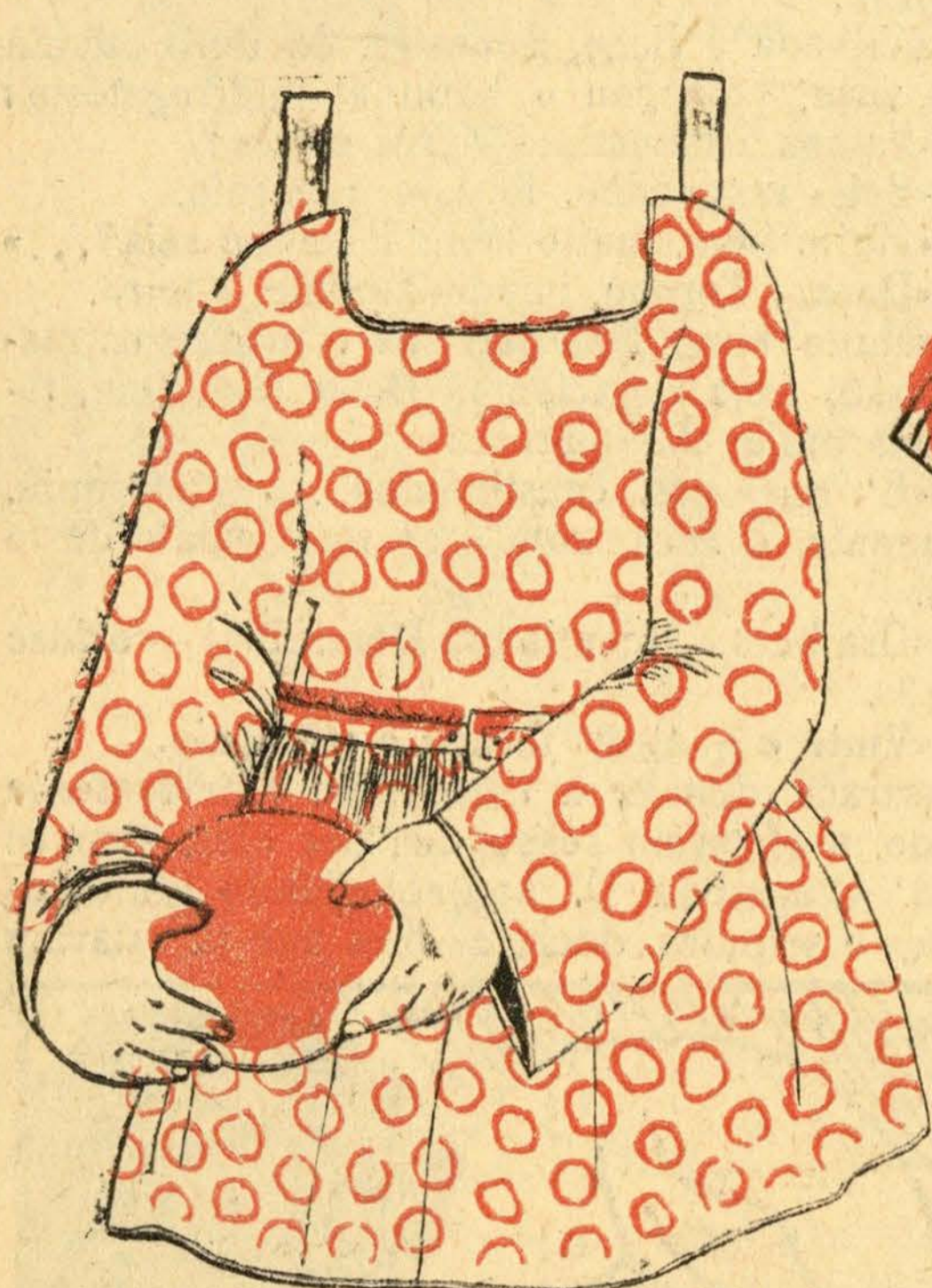
MIMI E OS SEUS VESTIDOS

POR MORENITA

CONSTRUÇÃO

PARA

ARMAR



Morenita

A BONECA

EU possuo uma boneca,
por sinal muito galante.
Tem olhos, vê como eu
e não está quêda um instante.

Talvês julguem que é de louça,
de trapos ou papelão...
Mas ela já tem três anos
e come por sua mão.

Vou-lhes dizer de que é...
pois não julguem que é mistério:
—Não é boneca a brincar,
é boneca... mas a sério!...



Os contos da "Vóvó"

SEGUIA, muito apressado,
o «Ti, Tónio» meu visinho,
dirigindo-se à cidade
para comprar pão e viaho.



Dispunha-se a uma jornada
mas não tinha que comer;
foi pois comprar mantimentos
para á fome não morrer.

—(Eu vos conto, meus meninos,
onde o Tónio qu'ria ir...
Mas hão-de estar muito atentos
se me quizerem ouvir!)

O «Ti Tónio» ia ao Castelo
salvar a filha do Rei
que tinha sido roubada...

—(Meninos... já comecei!)

Se não estão sossegados
eu não lhes conto mais nada
e, depois, hão-de dizer-me
como foi ela roubada.

—«Minha «vóvó» conta, conta
que a gente bulha não faz!»

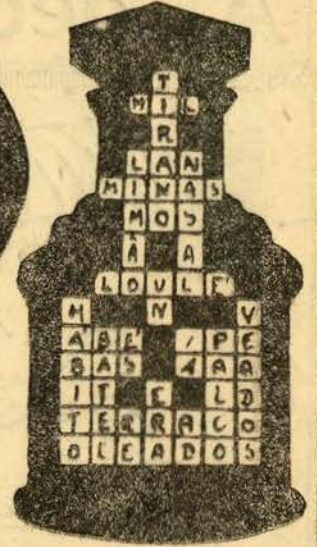
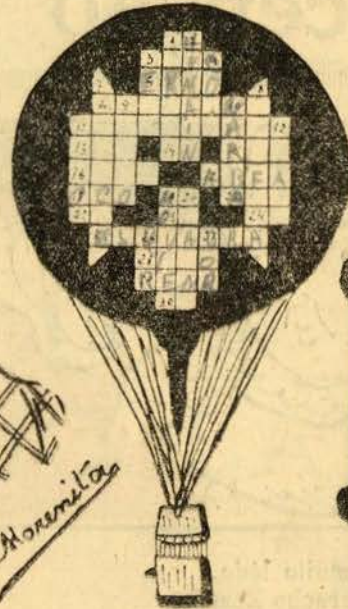
—«Ah, bem, então, vou contar...
mas se fazem bulha... zaz!...

A princesa foi roubada
por certo preto, um papão
que leva, também, meninos
que caladinhos não estão!

MARIA DE JESUS PAIVA

PALAVRAS CRUZADAS

**A
D
I
V
I
N
H
A**



Como se chama esta menina?

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Interjeição. 3. Anagrama de «Cura». 4. Soltar-lo. 6. Nome de honrém. 11. Nome de mulher. 13. Tempo de verbo. 14. Adverbo de modo. 15. Lombo. 16. chardos em Inglês. 17. Tempo do verbo arfar. 18. Sem título. 19. Consoantes. 21. 3 letras de ainda. 22. Adverbo. 23. Ditongo. 24. Adverbo de lugar. 25. Grande quantidade de navios de guerra. 28. 29. Anagrama de moer. 30. Apelido português.

Verticais: 1. Tempo de verbo francês. 2. «Humano em francês. 3. 4 letras de aerio. 4. 4 letras de conde. 7. Efluxos. 8. Transformar. 9. Tempo do verbo atirar. 10. Tempo do verbo (narrar). 11. Sem valor. 12. Dignana. 13. Mourisco. 26. Pronome relativo. 27. Desgosto.

**QUEBRA
CABEÇAS**



por

MORENITA

Gosta de aparecer, sim senhor, nem é mesmo, nada reservada. Procure-a e achá-la-há brevemente. Na água, na terra, no ar; líquida, sólida ou gasosa sempre a encontrareis.

Vai á missa, faz parte dos sacramentos e podeis vê-la mesmo em casa do abade.

Com o demónio não quer nada; mas não há pecado sem ela. Sem ela não há vida, alegria

ou tristeza, esperança ou desilusão.

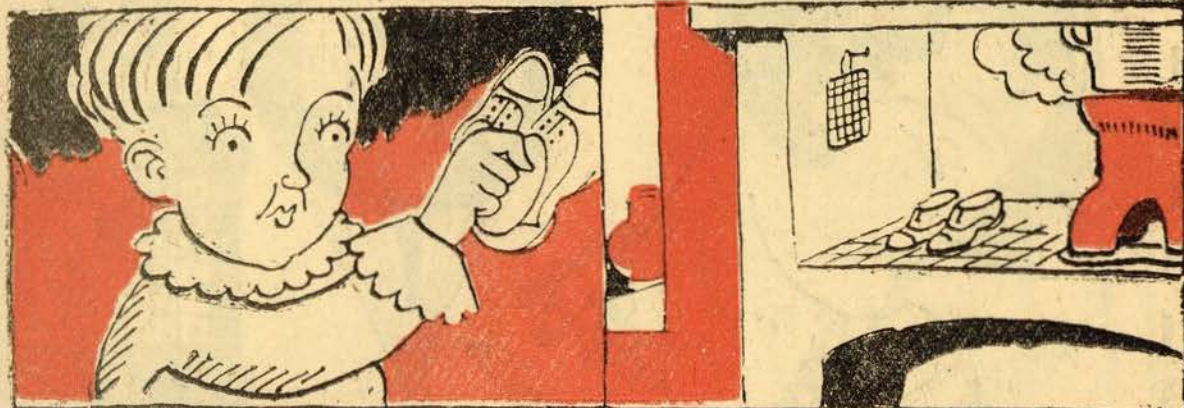
E' airosa e ágil.

Sem ela, o noivo não encontraria par, a mãe deixaria de ser mãe e até a inveja, a intriga, a maledicência, a hipocrisia e a calúnia desapareceriam.

E' linda! Há-de viver e será eterna, dizem.

Procarai-a no coração e ela aparecerá.

A decepção de "Zézinho,"



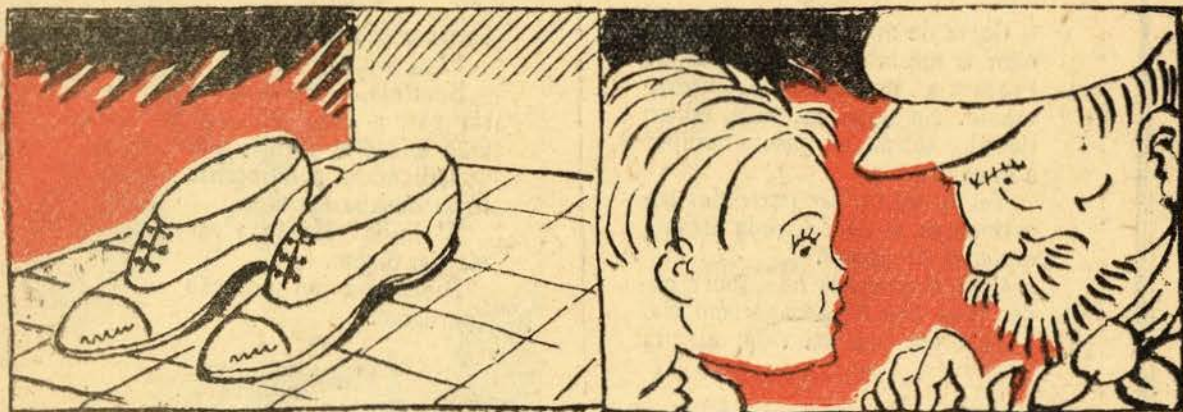
Pelo Natal, muito lèdo,
o pequerrucho Zézinho,
na mira dum bom brinquedo,
foi buscar um sapatinho.

È, cheio do seu ideal,
todo contente, como é
costume pelo Natal,
foi pô-lo na chaminé.



Pois seu papá, sem salário,
não pode dar-lhe um presente,
porque é um modesto op'rário
sem trabalho infelizmente.

Contudo, aguarda, esp'rançado,
o nosso pequeno «Zé»,
que Pai-Natal, do telhado,
lho ponha na chaminé.



Ao outro dia, o «Zézinho»,
vendo vazio o sapato,
vai perguntar ao paizinho
a explicação dêsse facto.

E o pobre pai, maltrapilho,
outra resposta não teve:
— «E' que o Pai-Natal, meu filho,
encontra-se, agora, em greve!»